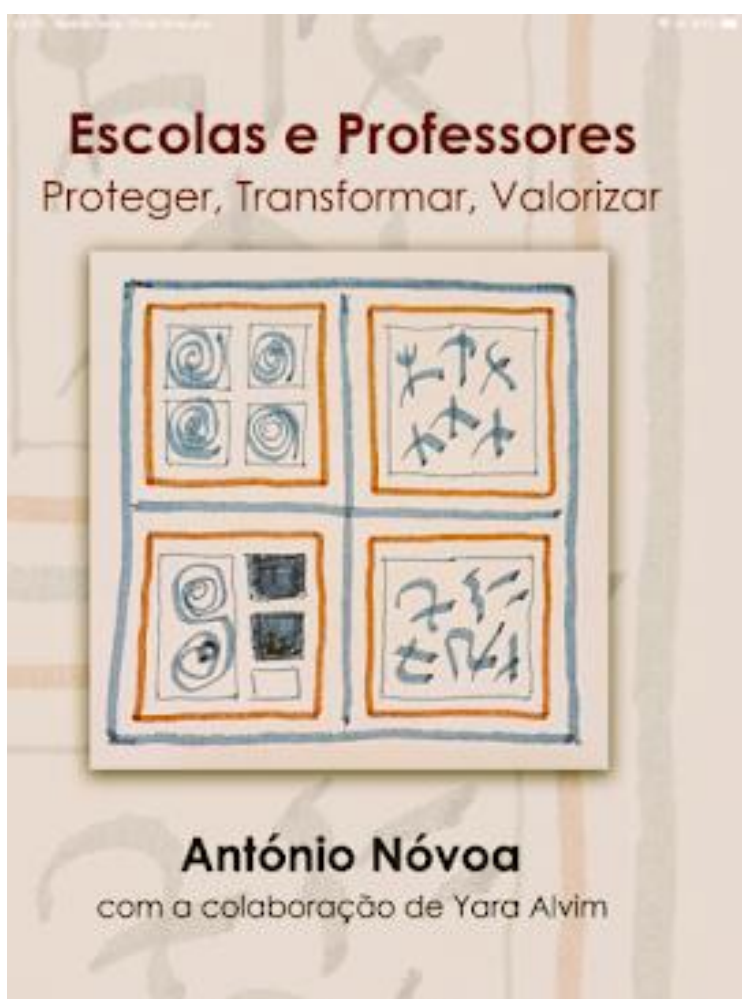


## Resenha do livro “Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar”

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p. Colaboração de Yara Alvim.



*Autor da resenha*

**Leandro Castro Oltramari**

Doutor Interdisciplinar em  
Ciências Humanas pela  
Universidade Federal de  
Santa Catarina – UFSC.

Professor da Univ. Federal de  
Santa Catarina – UFSC.

Brasil

leandrooltramari@gmail.com  
[orcid.org/0000-0002-9610-0502](https://orcid.org/0000-0002-9610-0502)

### Para citar esta resenha:

OLTRAMARI, Leandro Castro Oltramari. Resenha do livro “**Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**”. **PerCursos**. Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 363 - 368, maio/ago. 2022.

DOI: [10.5965/1984724623522022363](https://doi.org/10.5965/1984724623522022363)

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724623522022363>

António Nóvoa é um pesquisador português, professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, que se dedica a pesquisar a formação de professores e estabeleceu uma relação próxima com a educação brasileira. Foi reitor na Universidade de Lisboa e tem publicado vários capítulos de livros e artigos sobre a temática. Nesta obra ele conta com a colaboração de Yara Alvim, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), pesquisadora sobre a temática da formação de professores. Possui também uma série de trabalhos publicados sobre a temática.

A questão central do texto é a formação de professores e quanto ela se transformou em decorrência da pandemia de Covid-19, iniciada no fim de 2019 e ainda corrente, e qual o futuro da docência e sua formação. Para tanto, o autor e a colaboradora apresentam seis capítulos.

O capítulo 1, intitulado *A metamorfose da escola*, faz uma breve retrospectiva histórica do surgimento da escola como instituição de educação de massa. Apresenta a forma disciplinadora e hierarquizada que a escola tem adotado nos últimos 150 anos. Fala da suposta crise da educação e sua relação com o futuro digital. Nóvoa aponta para o quanto isso tem sido fomentado, por exemplo, com previsões de instituições como o *Institute for the Future* da Califórnia que aponta que quase a totalidade dos empregos que os estudantes de hoje terão em 2030 ainda não existem. Ou seja, é um bom exercício de futurologia da instituição que é uma destas *Think Tanks* que nasceram no berço das empresas de tecnologia mundiais. Ao disseminar um relatório que provavelmente leva pouco em conta as realidades e as desigualdades existentes no mundo, essa instituição de alguma maneira projeta também o mundo no qual pretende atuar.

O capítulo 2 intitula-se *Nada é novo, mas tudo mudou: Pensar a escola futura*, em que mais especificamente inicia a colaboração de Yara Alvim. Juntos principiam a discussão sobre a necessidade de romper o modelo escolar historicamente posto, principalmente depois do que se vivenciou na pandemia. Eles reforçam a ideia de educação como bem público e comum e criticam a forma privatista como se

desenvolveram as soluções da educação, com pouca resolubilidade do poder público – e aqui parece haver mesmo uma relação direta com as políticas educacionais brasileiras.

Segundo o autor no Brasil, praticamente as soluções aos problemas educacionais ficaram restritas ao empenho de professores, famílias e estudantes ou à benevolência das *Big Techs* que em muitos casos *cederam* parte de seus recursos tecnológicos para amenizar o apagão educacional existente no país, principalmente no primeiro ano da pandemia. Eles apontam o quanto a escola está alicerçada ainda nos mesmos princípios do século retrasado: a ideia de universalização da educação e a consolidação de um espaço formal como o local adequado com uma organização específica – no caso, a escola.

No capítulo 3, nomeado *Os professores depois da pandemia* é um texto que já foi publicado em um periódico. Para eles, a pandemia foi um divisor de águas, o que por vezes pode ser lido até como uma certa romantização. Ao mesmo tempo que a pandemia fez questionar o sistema clássico do século XIX, também fez aumentar, e muito, a noção de que a tecnologia seria a única possibilidade e o elemento mais importante para o futuro da educação. Isso sem considerar a necessária discussão sobre as características e funções da instituição escola e seus princípios fundamentais. Ou ainda, qual o projeto de escola que se deseja para um futuro almejado, porque essas transformações tecnológicas por vezes vieram em detrimento da qualidade do ensino e mesmo da formação de professores e favoreceram principalmente as instituições privadas que viram nisso mais um filão de mercado. (SEKI, 2021).

Mas é inegável que este seja o texto mais potente da coletânea. O autor e a colaboradora aqui defendem a importante ideia da intencionalidade que deve existir no ato pedagógico. Eles apontam os professores na centralidade desses atos. E isso talvez o discurso tecnológico raso realmente não consiga dar conta. Neste texto eles fazem uma série de interlocuções interessantes com Hannah Arendt, Theodor Adorno e Bernard Charlot. Mas ainda assim, ele volta a destacar, questão recorrente na obra: a importância do trabalho no professor. Por vezes, seu argumento transforma a ideia da valorização docente em uma possível interpretação individualizada da responsabilidade da categoria

no enfrentamento de determinados problemas. Crítica muito comum de muitos autores, entre eles Dermeval Saviani (1999) e seu clássico trabalho *Escola e democracia*. A sua questão principal é, neste capítulo, uma possibilidade utópica de construir uma outra educação.

No Capítulo 4, intitulado *Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola*, o autor inicia dizendo que aposta em uma transformação da escola, que, segundo ele, será muito diferente daqui a uns 30 ou 40 anos. Ele aponta a importância da formação de professores para a realização da ideia de escola formadora do estado nação. É uma das marcas da obra: a defesa da identidade de professor, pelo autor, pois para ele o termo educador dilui a importância e a identidade da profissão. Apesar de interessante, Nóvoa não aprofunda isso a ponto de demonstrar que essa diferença conceitual é tão importante assim. O autor critica a formação acadêmica dos professores dada pelas universidades, porque ele é a favor de uma integração maior entre a universidade e as escolas e os profissionais da educação. Ele defende quase um modelo geométrico em forma de triângulo onde cada um desses termos fica em uma de suas pontas.

Ele defende que a residência docente deveria ou poderia ser assemelhada às residências médicas. Mas ele não pontua a diferença substancial entre essas duas profissões com relação ao reconhecimento profissional. O autor faz muitas comparações com os modelos médicos, mas é inegável que existe um status desigual entre médicos e professores em uma sociedade, ao menos na sociedade brasileira. Ou seja, uma realidade muito desigual entre as profissões para ser comparada, a menos que em Portugal essa situação seja bem diferente do Brasil.

No capítulo 5, intitulado *Três teses sobre o terceiro: Para repensar a formação de professores*, é salientada a necessidade de o professor não ficar preso a ortodoxias. Na verdade ele aponta para a postura crítica e estudiosa dos professores sem necessariamente se referir a posturas conservadoras, sejam elas de que vertentes teóricas forem. Mas isso sem escorregar nas ideias de inovação que não passam de propaganda midiática. Uma das suas principais críticas é a ideia de dicotomia entre teoria

e prática, que, segundo ele, não faz sentido. Realmente! Nessa obra aparece uma ótima definição sobre a relação de um professor e a licenciatura, que é esta: “Ser professor não é apenas lidar com o conhecimento, é lidar com o conhecimento em situações de relação humana.” (NÓVOA, 2022, p. 84). Faz muito sentido!

No sexto e último capítulo, intitulado *Entre a formação e a profissão: Ensaio sobre o modo como nos tornamos professores*, Nóvoa aborda a importância dos primeiros anos da formação de professores e faz uma dura crítica, mas não falsa, sobre a vida acadêmica e sua forma competitiva e empreendedora de buscar resultados avaliados principalmente por empresas privadas. Além disso, nesse capítulo ele avalia que a transição entre a formação e o início da vida profissional deveria receber um cuidado especial, coisa que realmente as agências formadoras e as escolas não conseguem fazer, garantindo uma formação de futuros professores integrada, dando condições para uma capacitação maior e mais adequada desses profissionais.

Em suma, temos uma coletânea bem interessante, apesar de frequentemente sentirmos que estamos relendo argumentos já apresentados. Isso não prejudica o conteúdo da obra. Às vezes, parece que sim, é do Brasil que estão falando, sem dúvida isso pode deixar o leitor confuso. Mas é um livro que, apesar de simples de ler, com linguagem fácil e acessível, o que é muito bom, traz contribuições muito válidas, possíveis de serem implantadas, claro, se houvesse interesse público em assunto tão importante, mas tão vilipendiado pelas autoridades. E como o autor também repete muito que a escola deve se metamorfosear, nada melhor que lembrar uma conhecida música de nosso compositor maior, Raul Seixas: que a escola tenha a capacidade de superar “aquela velha opinião formada sobre tudo”. Que tentemos!

## Referências

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SEKI, Alan. K. **O capital financeiro no ensino superior brasileiro (1990-2018)**. Florianópolis: Editora em Debate: UFSC, 2021.

Resenha do livro “Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar”

*Leandro Castro Oltramari*

Recebida em: 10/08/2022

Aprovada em: 22/08/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*

Volume 23 - Número 52 - Ano 2022

[revistapercursos.faed@udesc.br](mailto:revistapercursos.faed@udesc.br)